

CHINA E A INSERÇÃO COMERCIAL EXTERNA DA AMÉRICA LATINA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI (2003-2013)

Tatiana Ferreira Henriques*

8. Área Especial 1: Integração Latino-americana.

Submetido para apresentação em Sessões Ordinárias.

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar o vínculo comercial estabelecido entre a América Latina e a China no período recente (2003-2013), fortemente atrelado ao ciclo de expansão dos preços das *commodities* primárias. Através de evidências empíricas obtidas nas bases de dados da CEPALstat, SIGCI – CEPAL e *UN Comtrade* serão apresentados os quadros do comércio externo de bens da região por intensidade tecnológica, produtos e principais parceiros, com destaque ao comércio estabelecido com a China. De modo geral, o que se observou foi uma tendência à inserção externa fortemente concentrada e assimétrica, em valor e tipos de bens, que tende a implicar certa subordinação econômica dos países latino-americanos frente à economia chinesa – com diversas consequências para as questões da integração e do próprio desenvolvimento latino-americano.

Palavras-chaves: *commodities* primárias; comércio externo; América Latina; China; desenvolvimento.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze commercial ties established between Latin America and China in the latest period (2003-2013), strongly connected to the cycle of primary commodity prices expansion. Through empirical evidence obtained using the databases of CEPALstat, SIGCI - ECLAC and UN Comtrade, this study will give a picture of the external trade of the region by its technological intensity, variety of goods and key partners, with a special focus on trade with China. In general, there is a clear tendency to a highly concentrated and asymmetric external insertion in value and sorts of goods. This setting implies certain economic subordinated position to Latin America in respect of the Chinese economy – with different implications to regional integration and its own development process.

Keywords: primary commodities; foreign trade; Latin America; China; development.

* Mestra em Economia pela Universidade Estadual de Campinas – IE/UNICAMP, membra do Grupo de Estudos Florestan Fernandes (IE/UNICAMP) e graduada em Ciências Econômicas pela UNICAMP. E-mail: tatifh07@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste artigo é analisar as relações comerciais da América Latina com a China, tendo em vista o papel do protagonismo chinês na conjuntura mundial que se apresentou como favorável aos países latino-americanos no início do século XXI.

Após décadas de graves tensões sociais e econômicas, o cenário recente, em especial a partir de 2003, era de termos de trocas favoráveis, altas taxas de crescimento do PIB, facilidades de financiamento externo, melhorias nos indicadores sociais, superávits comerciais, entrada de divisas, valorização relativa das moedas domésticas e, principalmente, uma rápida recuperação dos níveis econômicos no momento em que a crise financeira internacional de 2008 ainda afetava os países centrais.

Em tal cenário, as economias latino-americanas tenderam a incrementar a participação das *commodities* primárias nas suas pautas de exportação. De forma ainda mais vertiginosa, os países que estreitaram seus vínculos comerciais com a China, tenderam a estabelecer uma relação marcadamente assimétrica entre os dois polos: a América Latina exportando bens intensivos em recursos naturais, de baixo valor agregado e em estado bruto, e importando uma diversidade de manufaturados relativamente baratos e intensivos em tecnologia – com inúmeras consequências para as estruturas produtivas internas e para a própria dinâmica de comércio intrarregional, já que resultam basicamente das estratégias geopolíticas tomadas pela China e não pelo conjunto latino-americano.

Desse modo, o presente artigo está dividido em quatro partes, sendo a primeira esta breve introdução. Na segunda seção, será realizado um panorama do quadro aberto à América Latina no início do século XXI, particularmente favorável entre 2003 e 2011 e fortemente atrelado ao movimento de expansão dos preços das *commodities* primárias. Na terceira parte, serão apresentadas as evidências empíricas¹ do comércio externo da região com a China, com o objetivo de elucidar o tipo de relação quem tem se estabelecido entre os dois polos, para, em seguida, apontar elementos que indicam para uma tendência de inserção subordinada dos países latino-americanos frente ao gigantismo chinês. Nas considerações finais, será sugerida uma agenda de pesquisa que investigue de que forma a aproximação com a China tem se refletido tanto nas respectivas estruturas produtivas internas dos países da região quanto no comércio intrarregional, o que, de modo amplo, tende a repercutir na questão da integração regional e nas possibilidades de desenvolvimento da América Latina.

¹ Através dos dados obtidos pelo SIGCI – CEPAL / UN Comtrade.

2. O QUADRO GERAL: CHINA E A ALTA DOS PREÇOS DAS *COMMODITIES* PRIMÁRIAS

Os anos 2000 apresentaram-se como uma fase de relativa tranquilidade para os países latino-americanos, frente às dificuldades vividas nas três décadas antecedentes. Após um período duramente marcado por crises de endividamento, processos inflacionários, altos índices de desemprego e crises cambiais e de balanço de pagamentos, a região iniciou o século XXI – particularmente após meados de 2003 – com consideráveis taxas de crescimento do PIB (produto interno bruto)².

Segundo Ocampo (2010), tal período de bonança econômica seria marcado pelas facilidades de financiamento externo com elevação sustentada dos preços das matérias-primas, o que não acontecia na região desde os anos 1970. Isto significou, principalmente na fase de alta do ciclo de liquidez (2002-2007), uma forte entrada de capital externo na região, o que, conseqüentemente, impulsionou o acúmulo de reservas internacionais nas economias da região e sustentou a valorização das suas moedas. É tal cenário extremamente favorável que, para Carcanholo & Saludjian (2012), permitiu as consideráveis taxas de crescimento até a crise mundial de 2008, minimizando, conjunturalmente, a vulnerabilidade externa da região.

É importante destacar que a profundidade da crise financeira internacional de 2008, ao mesmo tempo em que atingiu duramente as diversas economias, revelou-se como algo atípico à tradição histórica da região (MARTÍNEZ, 2012). Enquanto os países centrais (Estados Unidos, Europa e Japão) passavam por fases de recessão ou de lenta recuperação – mesmo após a tomada de políticas anticíclicas, pacotes de resgate econômico e substancial intervencionismo do Estado –, os países latino-americanos voltaram a obter consideráveis taxas de crescimento, com a volta dos fluxos financeiros internacionais atraídos pelos relativamente altos juros da periferia, e a retomada da trajetória de ascensão dos produtos básicos, pela forte demanda chinesa e pela intensificação do movimento especulatório em *commodities* primárias no mercado financeiro.

No plano internacional, alguns países ditos “emergentes”, como a China e a Índia, ganharam relevo e favoreceram o forte incremento do volume de comércio internacional: de um lado, barateando os preços de diversos produtos industrializados, e de outro, impulsionando a demanda por *commodities* primárias, o que contribuiu para a alta dos seus preços. Tanto o aumento do nível de renda médio quanto o impulso dados aos processos de urbanização de algumas economias asiáticas

² O crescimento médio do PIB da América Latina e Caribe foi de 4,6% ao ano, de 2003 até a irrupção da crise financeira de 2008, a qual se refletiu na taxa negativa de 1,9% no ano subsequente. Ao mesmo tempo, observou-se uma rápida recuperação da região, marcada pelas taxas de 5,9% e 4,3% em 2010 e 2011, respectivamente (CEPAL, 2013a).

redundaram em um considerável aumento da procura mundial por alimentos, matérias-primas e bens energéticos³.

Além disso, a larga incorporação da mão de obra asiática nas cadeias globais de produção de manufaturados significou uma diminuição considerável dos custos dos bens industrializados, tornando-os altamente competitivos nos mercados mundiais – o que engloba produtos que vão desde os setores de vestuário e calçados aos de tecnologia de ponta.

Assim, é destacável o protagonismo da China nesta última década, que, inclusive, superou as grandes economias centrais, como Estados Unidos e Alemanha, no fornecimento das exportações mundiais. Para Carcanholo & Mattos (2013), a economia chinesa buscou deliberadamente conquistar uma inserção externa ativa, que data desde os anos 1980, para fomentar as exportações de bens industrializados intensivos em tecnologia – e que, nesse sentido, em nada se relacionaria com a ideia de que seria a consequência lógica das medidas de abertura externa provenientes de uma estratégia neoliberal de desenvolvimento bem-sucedida⁴. Esta crescente importância mundial na produção e exportação de bens com maior valor agregado relaciona-se com a trajetória ascensional da China nas grandes cadeias globais de valor⁵.

Se, por um lado, a crescente demanda mundial por *commodities* primárias impulsionou a trajetória de expansão dos seus preços, por outro lado, houve uma forte influência do componente financeiro em tal evolução, especialmente após a irrupção da crise internacional. Com as baixas taxas de juros praticadas pelos Estados Unidos e a relativa desvalorização do dólar pela forte injeção de

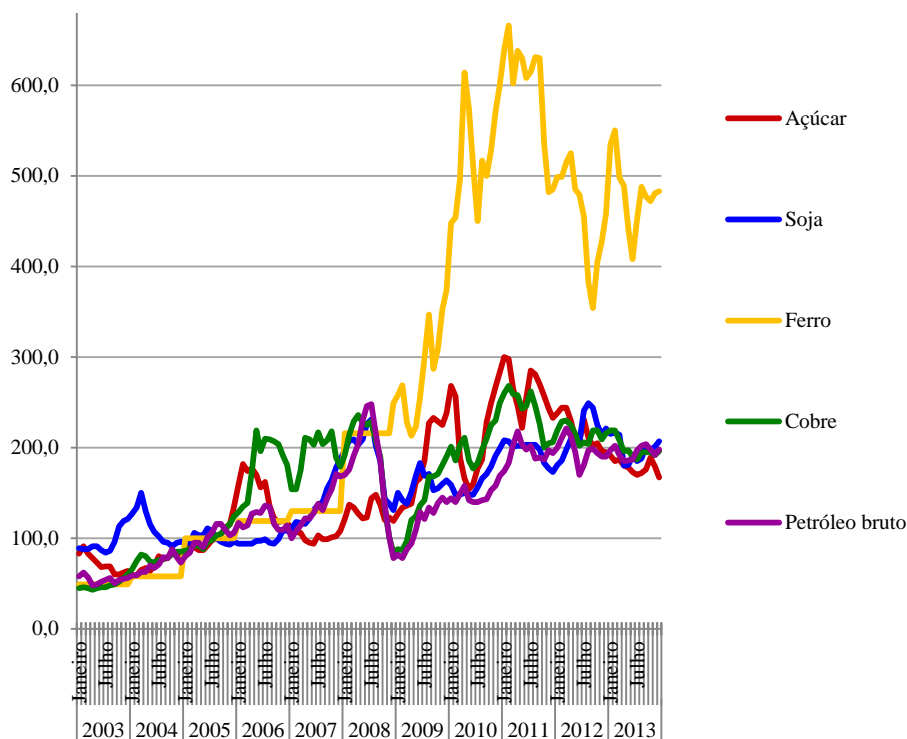
³ “En términos de las importaciones mundiales, China compra el 53% de las ventas exteriores de granos de soja, el 28% de aceite de soja y el 23% de algodón, aunque es uno de los principales productores de esos productos. China fue responsable de la mitad del aumento global del consumo de aceite de soja y de la tercera parte del incremento de la demanda de soja entre 2007 y 2009, mientras que la India representó la mitad del aumento del consumo mundial de arroz y un cuarto del alza en el consumo de trigo en el mismo período (...) La demanda china ha afectado aún más al consumo de metales y de petróleo que a los mercados de alimentos. La participación de China en el consumo mundial de minerales y metales rondó el 40% en plomo, níquel, estaño, zinc y acero primario (...). De manera similar, en 2009, China representó un 38% y un 39% del consumo mundial de cobre refinado y aluminio, respectivamente. Ese mismo año, consumió un 10% del petróleo crudo a nivel mundial. El peso de China como importador de minerales y metales es muy elevado en los casos del cobre, el níquel y el mineral de hierro” (ROSALES & KUWAYAMA, 2012, p.43-45).

⁴ “(...) a abertura da economia chinesa caracterizou-se, a partir da década de 80, por uma intencional promoção das exportações de produtos industriais, especialmente aqueles com alto conteúdo tecnológico. Para isso, o Estado chinês se utilizou de instrumentos de intervenção na economia, contrariando todos os preceitos neoliberais de promoção da abertura externa. Na década seguinte, contrariamente ao que sucedeu hegemonicamente na região latino-americana, as características desse processo foram reforçadas pela ampliação dos investimentos direcionados ao mercado interno, em especial pela criação das chamadas *zonas especiais*, voltadas para a promoção de progresso técnico em produtos direcionados para a exportação, pelo aumento dos investimentos em infraestrutura, e pela liberalização do investimento direto estrangeiro (IDE). Tudo isso subordinado à premissa básica de promoção de exportações de produtos com alto conteúdo tecnológico” (CARCANHOLO & MATTOS, p.67-68).

⁵ “(...) el logro industrial y del comercio de bienes ha ido acompañado del progreso paralelo en los servicios. China ha logrado aumentar la eficiencia de los servicios relacionados con el comercio (transporte, infraestructura física, comunicaciones, servicios empresariales y profesionales, incluidos servicios financieros) y este ha sido un factor determinante de su competitividad internacional. Aún le falta avanzar más en esa área, pero el nivel alcanzado en infraestructura y logística, que se suma a sus avances en innovación y tecnología, descarta por simplista la noción de que la competitividad china responde básicamente a salarios bajos” (ROSALES & KUWAYAMA, 2012, p.57).

liquidez do governo estadunidense (revertida em 2014), observou-se um forte estímulo a favor dos instrumentos financeiros derivativos de *commodities*⁶.

Gráfico 1: Evolução dos preços mensais de produtos básicos selecionados* (jan/2003 - dez/2013)
(Ano base 2005 = 100)



* Da lista dos principais produtos básicos exportados da América Latina para a China em 2013.
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da CEPALstat - CEPAL.

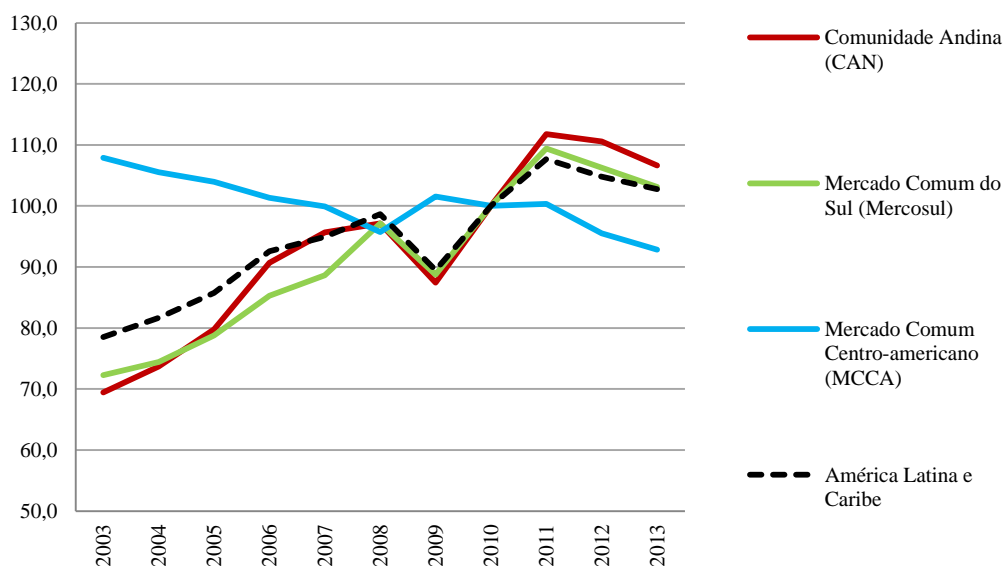
No gráfico acima, observa-se uma trajetória conjunta de forte elevação dos preços dos produtos básicos, interrompida bruscamente com a crise de 2008, mas que se recupera e ganha fôlego até o início de 2011 – evolução distinta segundo a especificidade de cada *commodity*. A partir de então, houve um processo generalizado de desaceleração ou queda dos preços das *commodities* primárias. Na comparação dos valores relativos de janeiro/2003 com dezembro/2013, verifica-se que houve uma elevação de 101,2% nos preços do açúcar, 132,6% no caso da soja, 335,6% no do cobre, 241,4% no do

⁶ O processo de “financeirização do mercado de *commodities*” trouxe um elemento adicional à trajetória de expansão dos preços, marcado pelo caráter fortemente desestabilizador e por vincular-se ao aparecimento de recorrentes bolhas especulativas. “O aspecto crucial a ressaltar nessa nova forma de organização dos mercados é que a financeirização teria várias consequências sobre os preços como, por exemplo, ampliar os movimentos originados nos fundamentos, exacerbando-os, aumentar a volatilidade e ampliar a correlação entre suas variações. Do ponto de vista histórico essa mudança teria se consolidado após meados de 2000. Até esta data os especuladores nos mercados de *commodities* buscavam, sobretudo, fazer *hedge* contra a inflação ou a variação do dólar. Após essa data observa-se uma correlação significativa desses investimentos com os preços de outros ativos financeiros e com as moedas-alvo do *carry trade*” (CARNEIRO, 2012, p.26).

petróleo bruto e, de forma vertiginosa, um aumento de 885,7% nos preços médios do ferro. Levando em consideração que, entre os dez principais produtos exportados da região para a China em 2013, sete deles envolvem os produtos ilustrados no Gráfico 1 – como será indicado na próxima seção –, sinaliza-se para a forma como a América Latina tem se vinculado nas relações comerciais com a potência chinesa.

De modo geral, os países da América do Sul seriam os grandes beneficiados pela tendência à reversão dos termos de troca (Gráfico 2), já que os produtos básicos ocupam parcela significativa de suas pautas exportadoras. No entanto, como revelou o estudo da CEPAL (2014a), as economias centro-americanas e caribenhas também foram favorecidas, pela intensificação do fluxo de turismo, pelas remessas enviadas por trabalhadores emigrados e pela própria exportação de determinadas *commodities* primárias e serviços de *maquilas*.

Gráfico 2
AL e C (19)*, Mercosul, MCCA e CAN: Índice da relação dos
termos de troca, f.o.b. (2003-2013)
(Ano base 2010 = 100)



* Inclui Haiti e não inclui Cuba.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da CEPALstat - CEPAL.

Portanto, o quadro que se abriu aos países da região nesse período foi de termos de trocas favoráveis, alta liquidez internacional, entrada de divisas pelo turismo ou remessas de emigrados e elevação do investimento estrangeiro direto. E, no âmbito interno, uma relativa estabilidade macroeconômica, com maior dinamismo doméstico, inflação baixa, diminuição dos níveis de desemprego, aumento da renda e redução da pobreza e da indigência (CEPAL, 2012).

3. AS RELAÇÕES COMERCIAIS DA AMÉRICA LATINA COM A CHINA (2003-2013)

Na análise do quadro do comércio externo latino-americano⁷, é possível observar certas modificações importantes nas relações comerciais dos países da região quando se compara o ano de início (2003) com o ano auge (2011) do ciclo recente de expansão dos preços das *commodities* primárias.

Em relação aos principais parceiros comerciais⁸, nota-se, na Tabela 1, que enquanto as exportações da região para o mundo cresceram quase três vezes em termos nominais, as exportações para a China aumentaram 7,75 vezes (de US\$11,1 para US\$86,4 bilhões) entre 2003 e 2011, ganhando participação como destino final (de 3,0% para 8,1%). Por outro lado, o mercado estadunidense manteve-se como o principal parceiro comercial da região, ainda que tenha perdido participação relativa (de 54,3% para 35,1%).

No caso das importações, observa-se que esta aumentou três vezes em valor ao longo do período, sendo que só o montante proveniente da China cresceu 8,5 vezes, atingindo US\$148,6 bilhões. Nesse âmbito, vale ressaltar que, além de ganhar participação relativa, a economia chinesa desbancou a União Europeia como segunda principal fonte de origem das importações – e que, assim como os Estados Unidos e Japão, perdem participação relativa.

Um último ponto aspecto importante evidenciado na tabela é o saldo comercial⁹ entre os diversos parceiros da América Latina: apenas com os Estados Unidos manteve-se superavitário, sendo que o déficit comercial com a China aumentou consideravelmente (de -US\$6,4 bilhões para -US\$62,2 bilhões).

⁷ Vale ressaltar que a análise dos dados do comércio externo da América Latina e Caribe como um todo é fortemente influenciada pelo comportamento do México e do Brasil: em 2011, juntos, os dois países representaram ao redor de 57% das exportações e importações totais da AL e C (19). No entanto, entende-se que a visão de conjunto sinaliza para tendências gerais e relevantes que perpassam toda a realidade latino-americana, já que são países que partilham de problemas históricos comuns. Para mais detalhes, ver Furtado (1976).

⁸ Em AL e C (19) estão inclusos: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai, Venezuela.

Em UE (27) estão inclusos: Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Dinamarca, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Países Baixos, Polónia, Portugal, República Checa, Romênia, Suécia, Reino Unido.

⁹ Conforme mencionado na seção anterior, a trajetória de desaceleração dos preços de produtos relevantes para o comércio externo latino-americano já tem incidido sobre o balanço comercial. Considerando os dados disponíveis para 2013 – ainda que não incluam a Venezuela, cuja exportação de petróleo bruto é relevante – já se observam indícios de dificuldades na região para fazer frente às importações: de um superávit de US\$55,2 bilhões em 2011 passou a um déficit de US\$37,9 bilhões em 2013.

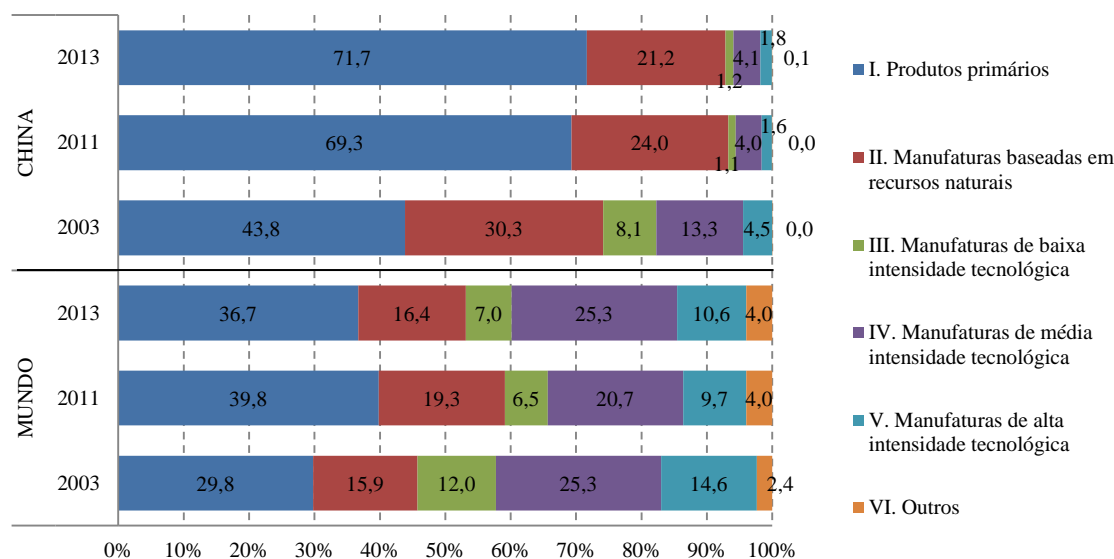
Tabela 1
AL e C (19): Os principais parceiros comerciais

	Principais destinos das exportações				Principais origens das importações				Saldo (X-M)	
	2003		2011*		2003		2011*		2003	2011*
	Em milhões de US\$	%	Em milhões de US\$	%	Em milhões de US\$	%	Em milhões de US\$	%	Em milhões de US\$	Em milhões de US\$
Mundo	369.127,8	100	1.064.377,2	100	331.871,3	100	1.009.143,3	100	37.256,54	55.233,94
EUA	200.428,1	54,3	373.422,1	35,1	144.135,9	43,4	305.888,6	30,3	56.292,22	67.533,46
UE (27)	48.287,9	13,1	129.297,4	12,1	48.842,2	14,7	135.616,5	13,4	-554,34	-6.319,06
Japão	7.257,7	2,0	26.072,8	2,4	14.235,1	4,3	36.212,7	3,6	-6.977,35	-10.139,85
China	11.149,2	3,0	86.365,9	8,1	17.581,2	5,3	148.551,3	14,7	-6.432,03	-62.185,48
Outros	102.005,0	27,6	449.219,1	42,2	107.077,0	32,3	382.874,2	37,9	-5.071,96	66.344,87

*Dados não disponíveis para Cuba.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do SIGCI plus - CEPAL, conforme a CUCI, rev.2.

Gráfico 3
AL e C (19): Destinos das exportações por intensidade tecnológica (2003, 2011* e 2013) - Mundo e China**



* Dados não disponíveis para Cuba.

** Dados não disponíveis para Cuba, Honduras, República Dominicana e Venezuela.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do SIGCI plus - CEPAL, conforme a CUCI, rev.2.

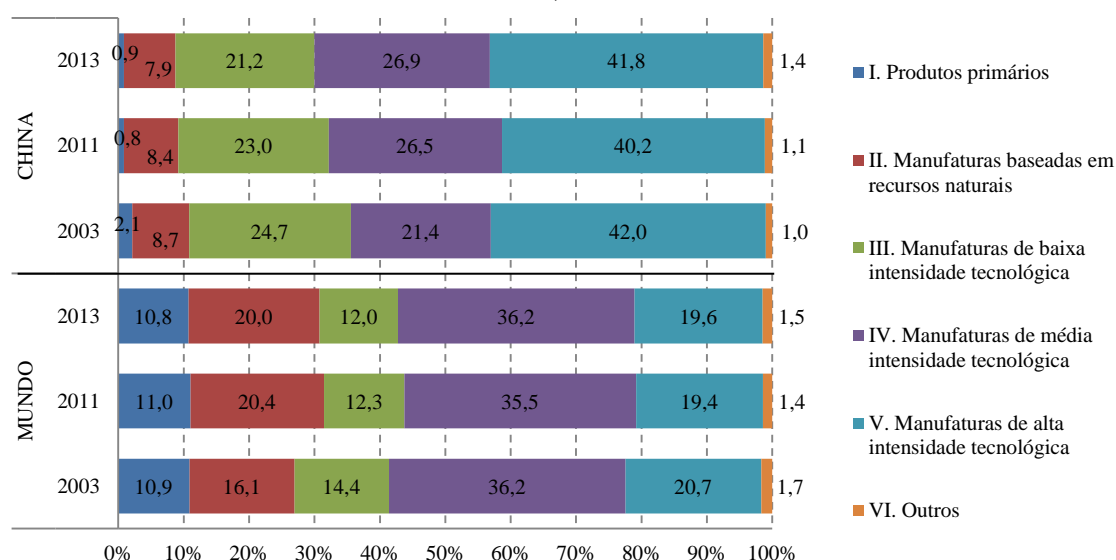
Em seguida, observa-se no Gráfico 3 a composição da pauta exportadora da região com o Mundo, assim como a estabelecida com a China, por intensidade tecnológica¹⁰. De modo geral, destaca-se o fato de que o tipo de inserção externa estabelecida pela América Latina manteve-se

¹⁰ A classificação por intensidade tecnológica segue a proposta por Lall (2000), baseada na revisão 2 da Classificação Uniforme do Comércio Internacional (CUCI). Os bens são agrupados em: I. Produtos primários, II. Manufaturas intensivas em recursos naturais, III. Manufaturas de baixa intensidade tecnológica, IV. Manufaturas de média intensidade tecnológica, V. Manufaturas de alta intensidade tecnológica e VI. Outros.

ancorado na exploração dos recursos naturais, o qual tendeu a ser reforçado no ciclo recente de valorização dos seus preços: a soma dos produtos primários (I) com as manufaturas intensivas em recursos naturais (II), que representava 45,7% da pauta exportadora em 2003, atingiu 59,1% em 2011. No caso dos bens intensivos em tecnologia, apenas o grupo de média intensidade tecnológica permanece relevante (ao redor de um quarto da pauta) e os demais perdem participação relativa.

O comércio com a China é majoritariamente baseado nos recursos naturais latino-americanos: nos últimos anos, o somatório dos grupos I + II já representava mais de 90% da pauta. Tendo em vista o quanto o comércio da região com a economia asiática cresceu neste período em análise, evidencia-se um processo de inserção fortemente concentrado em torno das *commodities* primárias – de 44% em 2003 a aproximadamente 70% do total exportado em 2011 e 2013.

Gráfico 4
AL e C (19): Origens das importações por intensidade tecnológica (2003, 2011* e 2013) - Mundo e China**



* Dados não disponíveis para Cuba.

** Dados não disponíveis para Cuba, Honduras, República Dominicana e Venezuela.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do SIGCI plus - CEPAL, conforme a CUCI, rev.2.

Por outro lado, a pauta de importações da região é marcada pela preponderância dos bens intensivos em tecnologia, sendo mais de 55% do total, produtos de média e alta tecnologia (Gráfico 4). Ao longo do período, houve apenas pequenas modificações na pauta, na qual os manufaturados baseados em recursos naturais ganharam participação em detrimento dos produtos de baixa intensidade tecnológica.

As importações provenientes da China, que também aumentaram consideravelmente, mantiveram praticamente a mesma composição e são marcadamente voltadas aos bens intensivos em alta tecnologia (aproximadamente 40%). Os produtos de média intensidade ganharam participação e, juntamente com os de baixa tecnologia abarcam quase 50% das importações.

Tabela 2
Os 10 principais produtos intercambiados entre AL e C (19)* e China em 2013

Posição	Código	Produto	Valor (em milhões de US\$)	%	% acum.
Principais produtos exportados					
1	'2222'	Grãos de soja	21.008,6	22,7	22,7
2	'2815'	Minérios de ferro e concentrados, não aglomerados	17.460,6	18,9	41,6
3	'28711'	Minérios de cobre e concentrados	10.590,4	11,4	53,0
4	'3330'	Petróleo bruto e óleos a partir de materiais betuminosos	10.020,8	10,8	63,9
5	'68212'	Cobre refinado (exceto ligas-mães) não finalizados	9.065,8	9,8	73,6
6	'25172'	Polpa de madeira química, soda ou sulfato; branqueada ou semi-branqueada	2.323,8	2,5	76,2
7	'68211'	Cobre não refinado	1.802,7	1,9	78,1
8	'0611'	Açúcar bruto de beterraba ou cana	1.580,8	1,7	79,8
9	'7810'	Automóveis leves de passageiros (excluindo ônibus)	1.386,8	1,5	81,3
10	'08142'	Farinha e pó de peixes, crustáceos, etc., impróprios para o consumo humano	1.156,5	1,2	82,6
Principais produtos importados					
1	'7643'	Televisão, radiodifusão; transmissores, etc.	10.857,0	6,7	6,7
2	'76493'	Peças (aparelhos das posições 761, 762, 7643 e 7648)	7.044,9	4,4	11,1
3	'7599'	Peças e acessórios para máquinas das posições 7512 e 752	6.732,2	4,2	15,3
4	'7522'	Máquinas de processamento de dados digitais completas	6.124,9	3,8	19,1
5	'7525'	Unidades periféricas, incluindo as de controle e adaptação	2.958,2	1,8	20,9
6	'7764'	Microcircuitos eletrônicos	2.809,1	1,7	22,7
7	'87109'	Aparelhos e instrumentos ópticos; lasers (exceto diodos)	2.345,3	1,5	24,1
8	'7721'	Interruptores, relés, fusíveis, etc.; quadros de distribuição e painéis de controle	2.343,1	1,5	25,6
9	'7849'	Outras partes e acessórios (para veículos 722, 781-783)	2.119,0	1,3	26,9
10	'77121'	Conversores estáticos e aparelhos de retificação	1.551,9	1,0	27,9

Notas:

* Dados não disponíveis para Cuba, Honduras, República Dominicana e Venezuela.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do SIGCI plus - CEPAL, conforme a CUCI, rev.2

As evidências da Tabela 2 reforçam o caráter assimétrico das relações comerciais entre a América Latina e a China. Primeiramente, os dez principais produtos exportados representaram 82,6% do total exportado ao mercado chinês em 2013, enquanto os dez principais bens importados conformaram 27,9% do total. Em segundo lugar, da lista das exportações, nove dos dez produtos são relacionados a recursos naturais e majoritariamente em estado bruto (etapa de baixa agregação de valor nas cadeias produtivas): grãos de soja, minérios de ferro, minérios de cobre, petróleo bruto, açúcar

bruto, cobre refinado e não refinado, polpa de madeira química e farinha de peixe. E, considerando apenas as duas primeiras *commodities*, estas corresponderam a aproximadamente US\$38,5 bilhões. Finalmente, com exceção dos itens 8 e 9 da lista de importações, os demais são classificados como intensivos em alta tecnologia e significaram um montante de US\$40,4 bilhões.

Tendo em vista que os principais produtos exportados pela região à China tiveram fortes incrementos dos preços ao longo do período analisado – como pode ser visualizado no Gráfico 1 da seção anterior – e que o comércio com tal país tem apresentado uma trajetória deficitária (Tabela 1), a tendência é que estes *déficits* se tornem cada vez maiores, especialmente se mantida a trajetória presente de desaceleração e retração dos preços das *commodities* primárias.

Tabela 3
AL e C (19): Destinos das exportações por tipo de produtos (em milhares de US\$ e %)

I. Produtos primários				II. Manufaturas intensivas em recursos naturais			
Posição	País	Valor	%	Posição	País	Valor	%
2003							
1º	EUA	40.796.582,09	37,1	1º	EUA	20.039.643,24	34,0
2º	Países Baixos	6.331.088,72	5,8	2º	China	3.379.318,58	5,7
3º	China	4.886.071,07	4,4	3º	Países Baixos	2.455.071,48	4,2
	Mundo	110.031.724,73	100,0		Mundo	58.855.631,68	100,0
2011*							
1º	EUA	97.415.970,73	23,0	1º	EUA	44.128.661,48	21,5
2º	China	59.842.899,65	14,1	2º	China	20.711.751,33	10,1
3º	Japão	20.079.384,90	4,7	3º	Países Baixos	8.769.118,39	4,3
	Mundo	424.003.215,68	100,0		Mundo	205.306.321,45	100,0

Notas:

* Dados não disponíveis para Cuba.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do SIGCI plus - CEPAL, conforme a CUCI, rev.2

Analisando apenas os dois grupos que representam praticamente toda a pauta de exportação da região com a China, verifica-se, na Tabela 3, que de 2003 para 2011, a economia chinesa passa à posição de segundo principal destino das exportações de produtos primários latino-americanos (14,1%) e mantém-se na mesma posição em relação às manufaturas intensivas em recursos naturais (10,1%).

Por outro lado, quando se compara esse quadro com os dados da Tabela 4, nota-se que entre os dez principais países de origem das importações desses mesmos tipos de produtos, apenas dois países latino-americanos aparecem na lista: Brasil, como o 2º maior fornecedor de produtos primários em 2011 (9,4%), e o Chile, como o 4º provedor de manufaturados intensivos em recursos naturais (5,5%). Os dados da América Latina como um todo são relevantes nos dois casos, 16,7% e 10,1%, respectivamente, o que sinaliza para a importância da região se vista em conjunto. No entanto, a

estratégia da China tem sido diversificar os países fornecedores das suas principais demandas de produtos baseados em recursos naturais – como é visível na Tabela 4 – e fomentar acordos comerciais bilaterais entre as economias¹¹, diminuindo o poder de negociação dos países latino-americanos.

No obstante, a pesar de la elevada concentración de las exportaciones de la región en un número limitado de productos, China ha logrado un nivel de diversificación de fuentes de suministro lo suficientemente alto como para evitar que América Latina y el Caribe tenga mucho poder de negociación con respecto a estos productos. Existe una significativa competencia con varias economías desarrolladas, como Australia, el Canadá, los Estados Unidos, el Japón, y Nueva Zelândia, y con países vecinos asiáticos en desarrollo, como Indonesia y la República de Corea (ROSALES & KUWAYAMA, 2012, p.103).

Tabela 4
China: Principais origens das importações por tipo de produtos em 2011 (%)

I. Produtos primários			II. Manufaturas intensivas em recursos naturais		
Posição	País	%	Posição	País	%
1º	Austrália	15,2	1º	República da Coreia	11,2
2º	Brasil	9,4	2º	Japão	9,8
3º	Arábia Saudita	8,4	3º	EUA	9,5
4º	Irã	5,4	4º	Chile	5,5
5º	EUA	5,3	5º	Federação Russa	5,4
6º	Angola	5,2	6º	Malásia	5,3
7º	Federação Russa	4,9	7º	Canadá	3,1
8º	Indonésia	4,1	8º	Indonésia	3,0
9º	Índia	3,0	9º	Alemanha	2,9
10º	Omã	2,9	10º	Cingapura	2,9
	Mundo	100,0		Mundo	100,0
	AL e C (19)	16,7		AL e C (19)	10,1

Notas:

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do SIGCI plus - CEPAL, conforme a CUCI, rev.2

Na Tabela 5 verifica-se que a inserção externa dos países da região em relação à China é diferenciada: do valor total exportado da China para a América Latina em 2013, 27,5% são para o Brasil, 22,2% para o México e 10% para o Chile. Já do total importado de países latino-americanos pela economia chinesa, no mesmo ano, 43% originou-se do Brasil, 16,4% do Chile, 10,4% da Venezuela e 8,1% do México. No entanto, quando comparado com o intercâmbio da China com o resto do mundo, a parcela que esses países da região representam para a economia chinesa é relativamente

¹¹ Até a data, entraram em vigor três tratados de livre-comércio da China com países da região: Chile em 2006, Peru em 2010 e Costa Rica em 2011. Ademais, “(...) varios acuerdos chinos excluyen los productos y sectores sensibles, como la protección de la propiedad intelectual, la liberalización sectorial, los temas laborales y los relacionados con el medio ambiente. Para China, estos acuerdos funcionan como instrumentos de diplomacia comercial, (...) como los firmados con Chile, la India, el Pakistán, el Perú y Sudáfrica, se consideran esfuerzos diplomáticos para iniciar o consolidar alianzas estratégicas y garantizar el suministro de recursos naturales” (ROSALES & KUWAYAMA, 2012, p.215-216).

diminuta. Para elucidar o raciocínio, as mercadorias provenientes do Brasil significaram apenas 2,8% do total importado do mundo pela China, sendo que as exportações chinesas para o mercado brasileiro representaram 1,6% dos envios totais. Em contraposição, as exportações brasileiras para a China representaram 19% do total enviado pelo Brasil ao mundo¹² em 2013, o que corrobora a economia chinesa como um parceiro comercial relevante para o Brasil e indica um dos pontos assimétricos das relações econômicas entre esses dois países¹³. Ainda,

A ampliação da corrente do comércio entre a China e o Brasil veio acompanhada de pressão competitiva das manufaturas chinesas sobre o parque industrial brasileiro. O “efeito China” tem gerado (i) a especialização regressiva da pauta exportadora – entendida como o aumento da participação relativa dos produtos básicos para a exportação –; (ii) um significativo déficit comercial para o Brasil no caso dos produtos de mais alta intensidade tecnológica; (iii) uma perda na participação das exportações brasileiras de maior intensidade tecnológica em terceiros mercados (Europa, Estados Unidos e América Latina) em virtude da expansão das exportações chinesas (IPEA, 2011, p.14).

Tabela 5
China: Intercâmbio com países da AL e C (19) em 2013 (em %)

Exportações para países da AL e C (19)				Importações provenientes de países da AL e C (19)			
Posição	País	% do total exportado para AL e C (19)	% do total exportado para o mundo	Posição	País	% do total importado da AL e C (19)	% do total importado do mundo
1º	Brasil	27,48	1,62	1º	Brasil	43,04	2,78
2º	México	22,17	1,31	2º	Chile	16,41	1,06
3º	Chile	10,03	0,59	3º	Venezuela	10,40	0,67
5º	Argentina	6,70	0,40	4º	México	8,12	0,53
6º	Colômbia	5,23	0,31	5º	Peru	6,66	0,43
7º	Peru	4,74	0,28	6º	Argentina	4,82	0,31
8º	Venezuela	4,64	0,27	8º	Colômbia	2,87	0,19
10º	Uruguai	1,78	0,11	9º	Uruguai	1,95	0,13
	AL e C (19)	100,00	5,91		AL e C (19)	100,00	6,47
	Mundo (US\$2,21 trilhões)		100,00		Mundo (US\$1,95 trilhões)		100,00

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do SIGCI plus - CEPAL, conforme a CUCI, rev.2

Na Tabela 6, verifica-se, dentre os países da América Latina que mais têm estabelecido relações de intercâmbio com a China, uma especialização exportadora em torno de alguns poucos produtos. Com exceção do México, nos demais países, apenas três bens compuseram mais de 70% das respectivas pautas exportadoras ao mercado chinês – chegando a 95% no caso da Colômbia. Isto

¹² Informação obtida na base de dados da *UN Comtrade*.

¹³ Inclusive pela estratégia chinesa de adquirir a propriedade e o controle estratégico de fontes de energia e de recursos naturais – e que tem se expandido para diversos países da região. “As investidas do capital chinês no Brasil não ficaram concentradas apenas em atividades ligadas à exploração de petróleo e à siderurgia, mas também envolveram as empresas chinesas atreladas ao agronegócio as quais têm comprado vastas propriedades rurais agricultáveis. O avanço chinês na compra de minas, áreas de exploração de petróleo e de terras para agropecuária vêm provocando preocupações (...). Além desses setores, as empresas chinesas já atuam nos mais diversos ramos no Brasil desde equipamentos de telecomunicações, passando por setor financeiro e energia elétrica até automóveis” (IPEA, 2011, p.10).

sinaliza para um comércio com tendências a ser fortemente impactado pelo desempenho de alguns determinados produtos no mercado mundial de *commodities* primárias: como nos casos da soja, do petróleo, do cobre e do ferro.

Tabela 6
Os principais produtos exportados para a China em 2013 - países selecionados*

País	Os 3 principais produtos (% do total exportado para a China)	% das exportações totais para a China
Argentina	Grãos de soja (58,4); Petróleo bruto e óleos a partir de betuminosos (12,9); Óleo de soja (10,4).	81,7
Brasil	Grãos de soja (37,3); Minérios de ferro (33,1); Petróleo bruto e óleos a partir de betuminosos (8,8).	79,1
Chile	Cobre refinado (exceto ligas-mães) não finalizados (38,3); Minérios de cobre (29,8); Cobre não refinado (9,2).	77,4
Colômbia	Petróleo bruto e óleos a partir de betuminosos (84,2); Outras ligas de ferro (6,4); Resíduo e sucata de cobre (4,5).	95,1
México	Automóveis leves de passageiros (excluindo ônibus) (21,4); Minérios de cobre (18,2); Petróleo bruto e óleos a partir de betuminosos (10,4).	50,0
Peru	Minérios de cobre (46,2); Cobre refinado (exceto ligas-mães) não finalizados (14,0); Farinhas de peixe, crustáceos, etc., impróprios para consumo humano (11,7).	71,9
Uruguai	Grãos de soja (50,1); Carne bovina desossada (16,1); Lã de caprinos ou ovinos, em bruto (4,3).	70,5

Notas:

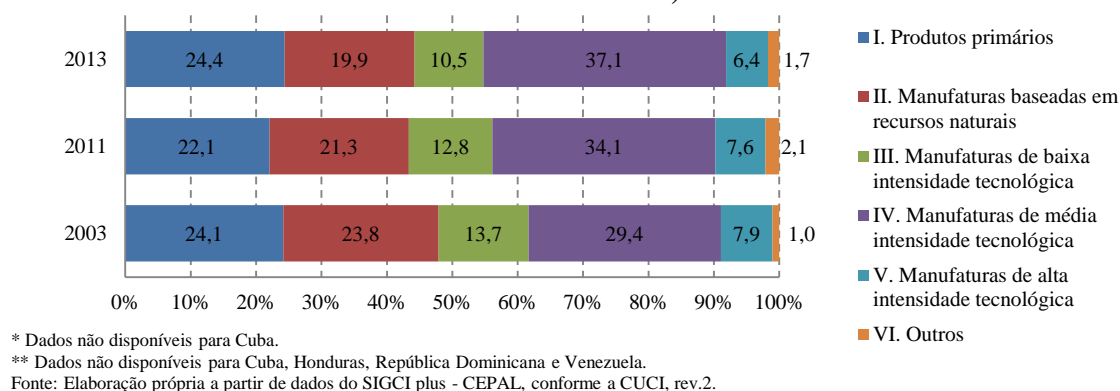
* Países selecionados de acordo com a relevância do comércio com a China – ver tabela 5. Excluiu-se a Venezuela por indisponibilidade de dados.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do SIGCI plus - CEPAL, conforme a CUCI, rev.2

Para finalizar a descrição empírica, no Gráfico 5 aparece a composição do comércio estabelecido entre os países da América Latina, no qual observamos alguns pontos significantes. Em primeiro lugar, mais da metade dos bens intercambiados são classificados como intensivos em tecnologia, o que chama a atenção para a importância que o comércio intrarregional em termos de geração de valor agregado. Segundo, cresce a participação relativa dos bens de média tecnologia: de 29,4% em 2003, passam a representar 34,1% e 37,1% do comércio em 2011 e 2013, respectivamente. Nesse caso, destaca-se a relevância da cadeia produtiva do setor automobilístico, muito atrelado às estratégias das grandes empresas transnacionais que operam no diversos elos e exportam para os próprios países da região, assim como para outros mercados extrarregionais (Estados Unidos, Europa, Canadá)¹⁴. E, terceiro, como contrapartida, houve uma leve retração nos bens de alta e baixa tecnologia.

¹⁴ Para exemplificar, no caso do Brasil, ainda que a produção seja voltada a atender a demanda interna, em 2013, 15% foi destinada ao mercado externo. Ademais, “la producción de vehículos también logró un récord histórico, con 3,74 millones de unidades, casi un 10% más que el año anterior, lo que sitúa al Brasil como el séptimo productor mundial de vehículos y el cuarto mayor mercado de automóviles del planeta, después de China, los Estados Unidos y el Japón” (CEPAL, 2014b, p.37). Já no México, “del total de unidades producidas, el 82% se destina a la exportación y el 18% restante al mercado interno. México es el cuarto país exportador de vehículos del mundo, después del Japón, Alemania y la República de Corea, tras haber superado a España en 2012. En 2013, el principal destino de las

Gráfico 5
AL e C (19) x AL e C (19): Intercâmbio por intensidade tecnológica (2003,
2011* e 2013)**



Dessa forma, tendo em vista apenas o âmbito do comércio de bens, o estreitamento do vínculo das economias da América Latina com a China, neste início do século XXI, tendeu a reforçar um tipo de inserção externa que, de um lado, tangencia à histórica vocação primário-exportadora latino-americana: isto é, situação na qual os setores externos especializam-se na exportação de alguns poucos produtos primários e cujos mercados internos são atendidos, em grande parte, com a importação de uma diversidade de manufaturados; e, de outro lado, manifesta o hiato tecnológico das suas estruturas produtivas internas frente às revoluções tecnocientíficas em curso¹⁵.

A própria estratégia de inserção externa ativa da China¹⁶ rebate na região latino-americana pela alta competitividade de seus manufaturados em todos os níveis de intensidade tecnológica. Em primeiro lugar, porque tende a reforçar os processos de desnacionalização e regressão das estruturas produtivas – em marcha desde a adoção e o aprofundamento das políticas neoliberais na região. Segundo, porque o quadro de reversão dos termos de troca favoreceu a orientação exportadora desses países a atender a sua enorme demanda por energia, alimentos e matérias-primas. E, terceiro, porque, relacionado aos dois pontos anteriores, o avanço chinês envolve tanto a compra de ativos estratégicos

exportaciones de vehículos ensamblados en México fue los Estados Unidos (68%), seguido de América Latina (13%), el Canadá (8%) y Europa (6%)” (CEPAL, 2014b, p.44).

¹⁵ “En la actualidad, el paradigma tecnológico predominante está experimentando cambios de tal magnitud que han sido calificados como una nueva revolución tecnológica. Esta se basa en la coevolución de las trayectorias en curso en las áreas de la nanotecnología, la biotecnología y las tecnologías de la información y las comunicaciones (TIC)” (CEPAL, 2012, p.34). “La revolución industrial está rediseñando el mapa productivo mundial y seguramente dará lugar al retorno de actividades y sectores productivos —incluso algunos hoy intensivos en mano de obra— a los países más avanzados, con el consiguiente impacto en el empleo en regiones como América Latina y el Caribe” (CEPAL, 2012, p.39).

¹⁶ Conforme indicaram Carcanholo & Mattos (2013).

como a entrada de suas grandes transnacionais na região¹⁷, visando garantir o acesso aos recursos naturais imprescindíveis ao seu crescimento¹⁸ e às vias já estabelecidas do comércio intrarregional – além do próprio mercado potencial de consumo latino-americano.

(...) un número significativo de grandes empresas chinas han empezado a operar en varios países de la región. Estas empresas no solo están presentes en los sectores relacionados con los recursos naturales, sino también en el sector manufacturero. (...) En el sector de las manufacturas, las industrias chinas, incluidas las de los textiles, el papel, los automóviles, la electrónica y la tecnología de la información y las telecomunicaciones, han elegido México y los países miembros del MERCOSUR para establecer sus primeras bases de producción en América Latina. Por un lado, la entrada en la Argentina, el Brasil, México y el Uruguay se considera un primer paso para ingresar y expandirse en los dinámicos mercados vinculados por acuerdos comerciales como el Tratado de Libre Comercio de América del Norte (TLCAN) y el MERCOSUR. Por el otro, México puede facilitar el acceso no solo a los Estados Unidos, sino también a los países de Centroamérica y el Caribe. Además, la producción en el MERCOSUR puede abrir la puerta a otros países latinoamericanos (ROSALES & KUWAYAMA, 2012, p.113).

Além disso, a vinculação com a China pela via da exportação de *commodities* primárias insere-se num quadro de incertezas para os países latino-americanos, pelo próprio movimento dúbio da economia chinesa no momento atual. Por um lado, é um país que ainda não completou o seu processo de urbanização, que redundará em mais investimentos em infraestrutura, construção civil e necessidade de uma gama de matérias-primas¹⁹. E, por outro, a China tem reorientado sua economia para o consumo doméstico, o que diminuiria a participação relativa das *commodities* na sua pauta importadora e a conseguinte demanda por esses produtos.

Además, a la moderación del ritmo de crecimiento de la economía china se suma una reorientación de su estructura productiva, desde la producción de bienes de exportación y de transformación de bienes hacia la provisión de servicios y productos para el consumo interno. Esta evolución se ve reflejada en el hecho de que en 2013, por primera vez en 50 años, el valor de la producción de servicios del país superó al valor de la producción industrial. Asimismo, la reorientación del gasto más hacia el fortalecimiento del consumo y menos hacia la inversión ocasionará una reestructuración de la canasta de importaciones, que tendrá una menor proporción de materias primas y un mayor peso de productos parcialmente o totalmente elaborados (CEPAL, 2014a, p.76-77).

Sendo assim, corroborar-se-ia a tendência à reversão do ciclo de expansão dos preços das *commodities* primárias que, de modo díspar, vem ocorrendo desde meados de 2011. Ademais, há outros

¹⁷ E influencia, inclusive, nas etapas de agregação de valor de diversos setores produtivos. Por exemplo, a soja no Brasil: “parte importante de la soja del Brasil se exporta como grano, debido a dos factores. (...) [uno es] el hecho de que los países importadores, especialmente China, cuentan con fábricas para producir harina o aceite. Un alto número de estas fábricas es de propiedad de las mismas transnacionales que operan en el Brasil (CEPAL, 2013, p.115)”

¹⁸ “Para a América Latina (e alguns países da Ásia) o interesse primordial da China tem sido conseguir acesso a extração e produção de recursos naturais e energia (petróleo, cobre e ferro), para suprir sua demanda interna e alimentar o ritmo de expansão de seu crescimento, e mais recentemente tem incluído investimentos em montagem de manufaturados, telecomunicações e têxtil” (IPEA, 2011, p.10).

¹⁹ “Recientemente, el Gobierno de China anunció el Nuevo Plan de Urbanización Nacional 2014-2020, que prevé aumentar para 2020 la población urbana 8 puntos porcentuales hasta llegar al 60%. El plan contempla un aumento de la población urbana de entre 70 y 100 millones de personas hasta el fin de esta década y una masiva inversión de unos 7 billones de dólares en viviendas, líneas ferroviarias, autopistas y el mejoramiento de los servicios básicos” (CEPAL, 2014a, p. 78).

dois agravantes da especialização primário-exportadora, que independem da fase de alta ou baixa dos seus preços e reforçam a vulnerabilidade externa da região: primeiro, o fato de que seus preços são dados a nível internacional; e, segundo, uma “característica indiscutível do comportamento desses preços seria a sua volatilidade (alta variância) e, mais recentemente, a expressiva correlação entre os movimentos dos preços das várias *commodities*” (CARNEIRO, 2012, p.16).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aproximação da América Latina com a China no início do século XXI traz à tona a conjunção de novos elementos com as velhas questões que perpassam a história econômica latino-americana.

De um modo geral, o ciclo recente de expansão dos preços das *commodities* significou um reforço da exploração dos recursos naturais latino-americanos: os produtos primários somados às manufaturas intensivas em recursos naturais representaram quase 60% da pauta exportadora da região em 2011. No que diz respeito ao comércio com a China, esta cifra atingiu mais de 90% da pauta. A conjuntura extremamente favorável até então – em reversão no momento atual – justificaria por si só o chamado à vocação primário-exportadora latino-americana?

O déficit comercial com a China é considerável (aproximadamente -US\$62 bilhões em 2011) e com a desaceleração dos preços das *commodities* tende a crescer ainda mais. De outra forma, repete-se o fenômeno apontado por Furtado na década de 1970:

No estudo de longo prazo das economias latino-americanas, nenhum aspecto chama tanto a atenção quanto a imutabilidade do quadro das exportações regionais. Se se deixam de lado uns poucos casos particulares, observa-se que, não obstante as transformações consideráveis ocorridas nas estruturas produtivas de vários países, por toda a parte a capacidade para importar continua na dependência das exportações de uns poucos produtos primários que já se exportavam antes de 1929 (FURTADO, 1976, p.325).

A relação comercial com a China, baseada na exportação de alguns poucos produtos primários, de baixa agregação de valor, e na importação de uma diversidade de bens industrializados (sendo 55% de bens de média e alta intensidades tecnológicas), sinaliza para uma condição assimétrica que só tende a aumentar o hiato existente entre os dois lados – especialmente se se tem em vista o

processo de reorganização da divisão internacional do trabalho²⁰ e de revoluções tecnocientíficas em marcha e a importância de se deter os polos de geração do progresso²¹.

Além disso, a própria estratégia chinesa procura garantir o acesso aos recursos latino-americanos através da compra de propriedades e do estabelecimento de suas bases de produção na região. Nesse sentido, é fundamental aprofundar a investigação do papel da China na configuração da estrutura produtiva latino-americana. Relacionado a isto, também é necessário o estudo da forma como a inserção chinesa tem se repercutido no comércio intrarregional, já que sua estratégia inclui o estabelecimento de acordos bilaterais e o aproveitamento dos laços comerciais existentes entre os países latino-americanos (como é o caso do Mercosul), que podem atuar no sentido contrário ao da integração regional e do desenvolvimento da América Latina²².

Os efeitos destrutivos da crise global revelarão, mais cedo do que tarde, não existir alternativa para nós: integração ou aprofundamento da dependência. O lugar reservado para nossos países fora de uma alternativa emancipatória, em que a integração é peça fundamental, é mais do que evidente: basicamente exportadores de produtos agrícolas e minerais. Enfim, para os países latino-americanos – o Brasil entre eles – está reservada uma posição adversa na divisão internacional do trabalho, na qual podemos aspirar tão somente ao desenvolvimento de indústrias tecnologicamente superadas nos países centrais e somar, marginalmente, nas cadeias de valor global. Mas jamais poderemos superar a dependência tecnológica e a condição de uma economia exportadora complementar às exigências de acumulação dos países centrais (OURIQUES, 2012, s/p).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARCANHOLO, Marcelo; SALUDJIAN, Alexis (2012). **Integração latino-americana, dependência da China e subimperialismo brasileiro na América latina**. 2012.

CARCANHOLO, Marcelo; MATTOS, Fernando (2013). **Inserção externa e perfil do comércio externo: uma comparação entre o caso chinês e a América Latina desde os anos 80 do século passado**. Indic. Econ. FEE, Porto Alegre, v. 40, nº3, 2013.

²⁰ Para Sampaio Jr. (2012), da forma como tem se inserido, a vinculação comercial com a China tende a reforçar um processo de reversão neocolonial no qual caberá à América Latina uma posição cada vez mais subordinada na divisão internacional do trabalho.

²¹ Afinal, quem não os detém, continua a responder “em última instância às transformações que ocorrem nos núcleos – setores, empresas, universidades, centros de pesquisa – dos países desenvolvidos” (CARNEIRO, 2012, p.9).

²² Para a economia política latino-americana cepalina, a integração a nível comercial e industrial era vista como indispensável ao desenvolvimento da região. “Es un error sostener que primero hay que lograr la integración interior y después la integración regional o subregional de las industrias dinámicas y adoptar otras medidas que lleven paulatinamente al mercado común. Pues la integración social interna y la nueva frontera industrial requieren la aceleración del desarrollo y ésta no podrá lograrse sin la integración de las industrias básicas, en el contexto del comercio recíproco, además de dar un gran impulso a las exportaciones al resto del mundo” (PREBISCH, 1970, p.263).

- CARNEIRO, Ricardo (2012). *Commodities, choques externos e crescimento*: reflexões sobre a América Latina. Série Macroeconomía del Desarrollo n° 117, CEPAL, Santiago de Chile, 2012.
- CEPAL (2012). **Cambio estructural para la igualdad**: una visión integrada del desarrollo. Santiago de Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), jul. 2012.
- _____ (2013). **La inversión extranjera directa en América Latina y el Caribe, 2012**. Santiago de Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), jun. 2013.
- _____ (2014a). **Estudio Económico de América Latina y el Caribe**: desafíos para la sostenibilidad del crecimiento en un nuevo contexto externo. Santiago de Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), 2014.
- _____ (2014b). **La inversión extranjera directa en América Latina y el Caribe, 2013**. Santiago de Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), jun. 2014.
- FURTADO, Celso (1976). A economia latino-americana: formação histórica e problemas contemporâneos. 4. ed. São Paulo, SP: Nacional, 2007.
- IPEA (2011). As relações bilaterais Brasil – China: a ascensão da China no sistema mundial e os desafios para o Brasil. **Comunicados do IPEA** n° 85, abr. 2011.
- LALL, Sanjaya (2000). The Technological Structure and Performance of Developing Country Manufactured Exports, 1985-1998. **QEH Working Paper Series**, n° 44, jun. 2000.
- MARTÍNEZ, Osvaldo (2012). **Crisis económica global: tres años de recorrido**. 4 jan. 2012. Disponível em: < <http://www.cubadebate.cu/opinion/2012/01/04/crisis-economica-global-tres-anos-de-recorrido/#.VNxxrebF91Y>>
- OCAMPO, José Antonio (2010). A macroeconomia da bonança econômica latino-americana. **Revista CEPAL**. Santiago, n° Número especial em português. mai. 2010.
- OURIQUES, Nildo (2012). Crise mundial e integração latino-americana. **Le Monde Diplomatique Brasil Online**. 4 jan. 2012. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1076>>

PREBISCH, Raúl (1970). **Transformación y desarrollo:** la gran tarea de América Latina. México, DF: Fondo de Cultura Económica: Banco Interamericano de Desarrollo, 1970.

ROSALES, Osvaldo; KUWAYAMA, Mikio (2012). **China y América Latina:** hacia una relación económica y comercial estratégica. Santiago de Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), mar. 2012.

SAMPAIO JR., Plínio (2012). **Capitalismo dependente e reversão neocolonial.** Memorial acadêmico, Campinas, SP, v.2, 2012.

Sistema Interactivo Gráfico de Datos de Comercio Internacional de la CEPAL – SIGCI plus.

United Nations Commodity Trade Statistics Database (UN Comtrade). Disponível em: <<http://comtrade.un.org>>.